

Portugiesisch

„SOUBEMOS QUE DEUS ESTÁ CONVOSCO “ (ZC8,23)

VIVER AS MUDANÇAS NA IGREJA - SINCERIDADE E CONFIANÇA

MENSAGEM PASTORAL

PARA A QUARESMA 2024

de Dom Georg Bätzing, Bispo de Limburg



Caros irmãos e irmãs na fé!

Nos primeiros meses do ano, há sempre muita tensão nos departamentos de contabilidade. É a época para se prepararem as contas anuais e de se fazer o balanço do ano anterior. Os lucros e as perdas são comparados entre si e, assim, é possível ver se o ano foi bem sucedido para a empresa, e se o resultado final é positivo ou negativo.

Para muitas pessoas, fazer um balanço é também uma boa ideia quando se trata de fazer uma retrospectiva de um ano ou de um certo período da vida. Os sucessos e os reveses, o crescimento ou a estagnação são ponderados na esperança de que a balança penda para o lado positivo. Isto parece-nos compreensível e profundamente humano. No entanto, se tentarmos " fechar o ano " no contexto mais alargado deste mundo, as coisas parecem sombrias. O balanço de confiança de que poderemos conseguir contrariar as causas das fugas e das deslocações de pessoas e, pelo menos, abrandar a crise climática com as suas consequências ecológicas e económicas: é negativo. O balanço de esperança de que as pessoas possam, a dada altura, compreender que o terror e a guerra não mudam nada para melhor: é negativo. Sim, o mundo está de novo a sofrer percas; e inúmeras pessoas estão a perder até as próprias vidas.

Também na Igreja estamos a sofrer muitas percas. Muitas pessoas estão a voltar-nos as costas, por razões que podem ser muito diferentes. Por detrás do número assustadoramente elevado de pessoas que deixaram a Igreja estão indivíduos que fizeram um balanço da sua vida e tomaram uma decisão de forma consciente. Dirijo-me a eles dizendo: lamento profundamente a sua saída.

AS SAÍDAS SÃO INEGÁVEIS

Aquilo que há muito intuímos e que as estatísticas anuais comprovam foi confirmado há alguns meses por um novo inquérito aos membros das igrejas (SME)(1). Mais de 5.000 pessoas foram inquiridas numa base representativa da população em geral, pessoas religiosas e não religiosas, pessoas frequentadoras das Igrejas e pessoas sem confissão religiosa - e, pela primeira vez, os dados foram também avaliados e referem a Igreja Católica na Alemanha. Estes dados confirmam um quadro de declínio contínuo para ambas as grandes Igrejas: a perda de membros é rápida e a importância social das Igrejas está a diminuir. Actualmente, apenas 48% da população do nosso país pertence a uma das duas grandes Igrejas. São cada vez menos aqueles que acreditam que Deus existe e que este se deu a conhecer em Jesus Cristo. As críticas à Igreja enquanto instituição confirmam-se, mas, ao mesmo tempo, a teoria de que as pessoas levam a sua religiosidade para fora das Igrejas e para a esfera privada, por assim dizer, está a ser refutada. A fé vivida fora das Igrejas é praticamente inexistente; as convicções religiosas não têm praticamente qualquer relevância para a forma como as pessoas conduzem hoje as suas vidas. O nosso país está a tornar-se cada vez mais secular e a maioria da população já não tem qualquer interesse por temas religiosos.

As declarações sobre a lealdade dos fiéis também dão uma imagem de uma crise dramática: Apenas 4 por cento dos católicos e 6 por cento dos protestantes afirmam que ainda se reconhecem intimamente ligados à sua Igreja.

A confiança, especialmente na Igreja Católica, registou uma enorme queda. E quase metade dos católicos está a pensar em sair da Igreja, sendo que apenas um terço o exclui em princípio. Seria fatal suprimir ou banalizar estes desenvolvimentos. Temos de ser honestos e deixar de fingir como se nada fosse. Estas saídas em massa, são tristes e temos de as admitir: já faz muito tempo que não conseguimos mais transmitir a fé e o apego à Igreja de geração em geração.

A REALIDADE VEM TER CONNOSCO DE MODO AMIGÁVEL

À semelhança dos processos de luto pessoais, há também uma fase de revolta e de procura de culpados nos círculos eclesiais. Para alguns, é o mundo que é "mau", com a sua obsessão pelo progresso, pelo bem-estar e pela ideologia do género; a “modernidade” e a “mundanidade” é que são responsáveis e têm vindo a causar estragos na Igreja. Estas narrativas demasiado simplistas encontram cada vez mais adeptos, mas são tão pouco úteis com a atribuição de culpas ao outro lado: Não são os católicos alemães que se afastam cada vez mais da Igreja Católica Universal, mas Roma, com a sua persistente relutância em reformar. Também a falta de honestidade em olhar as causas estruturais dos abusos, está a afastar cada vez mais as pessoas da Igreja.

Pode haver uma ponta de verdade em ambos os lados, mas a desilusão, o cansaço e a triste impotência, não podem ser evitados, simplificando a situação e transferindo a culpa. Pelo contrário, isso impede a procura de soluções e de novas perspectivas. E, acima de tudo, é também uma espécie

de descrença, porque não confia que Deus nos pode estar a dar sinais neste momento - sinais proféticos que apontam para o futuro. Pessoalmente, há muito que tenho uma convicção baseada em muitas experiências: A realidade vem ter connosco de forma amigável. Afinal de contas, o nosso Deus é um Deus que age na história. Acreditamos que Ele se manifestou no espaço e no tempo do nosso mundo, quando Jesus se fez homem. Esta é a realidade da fé. E é por isso que, para mim, a realidade do mundo actual é também um lugar de descoberta dos sinais de Deus. Não devemos fechar os olhos ao que se passa à nossa volta, entre nós e dentro de nós. Mesmo que o primeiro olhar seja sóbrio e desiludido, é necessário para, eventualmente, descobrir algo num segundo olhar que quebre padrões anteriores, expanda os nossos hábitos de pensamento e ajude a iniciar algo novo.

QUEBRAR PADRÕES E MUDAR HÁBITOS DE PENSAMENTO

A realidade é nossa amiga. Vejamos então uma segunda vez o estudo sobre a pertença à Igreja. E ele revela algo surpreendente para mim:

► Embora muitas pessoas saiam da Igreja Católica, muitos católicos tem emocionalmente dificuldades ao dar este passo. Não é um problema de indiferença que está por trás duma tal decisão, muitas é vezes a saída da Igreja está associada a raiva e a fúria. Muitos sofrem e doi-lhes por terem saído. Estes aspectos poderiam ser um bom ponto de partida para o diálogo com eles.

► Os que permanecem, esperam que a Igreja trabalhe e se empenhe na luta contra a pobreza e pela justiça, o que também reflecte o desejo da grande maioria dos membros não confessionais. Defender os refugiados, a proteção do clima e a luta contra a pobreza continuam a ser, obviamente, um critério de credibilidade para a Igreja em termos do seu impacto externo.

► Ouço frequentemente vozes críticas que afirmam que uma suposta "maioria silenciosa" é céptica em relação aos processos de reformas na Igreja Católica. Segundo o inquérito representativo prova-se o contrário. Uma esmagadora maioria de 96 por cento dos católicos afirma: "A minha Igreja tem de mudar profundamente, se quiser ter futuro". E as questões mais importantes incluem uma abordagem positiva da homossexualidade, uma participação mais activa dos leigos, a livre escolha do casamento ou do celibato para os padres e uma maior cooperação ecuménica. Isto significa, no entanto, que as tentativas de manter certas normas, apesar da fraca aceitação entre os fiéis, conduzirão provavelmente a reacções ainda mais defensivas, a conflitos e a mais saídas da Igreja. É certo que as reformas não resolvem certamente todos os problemas da Igreja Católica, mas estes aumentam muito mais se não houver reformas.

► Considero espantoso o facto de metade dos membros da Igreja Católica estarem envolvidos em trabalho voluntário - significativamente mais do que a média da população. Há boas razões para isso. É que para nós a comunidade e o bem-estar dos outros são muito importantes!

► O número daqueles que nos procuram para receber o Crisma e a Primeira Comunhão ainda continua a ser elevado. Um terço da nossa população frequentou jardins infantis e creches da Igreja. Os nossos programas para crianças e jovens continuam a ter muitos aderentes. Por outro lado, também podemos verificar que aqueles que não entram em contacto com a Igreja na sua juventude dificilmente o farão mais tarde.

► E, por fim, as Igrejas ainda continuam a estar perto e a ajudar muitas pessoas. Acima de tudo, nas paróquias e nas igrejas locais, nas instalações da Caritas, no trabalho educativo e nos serviços de aconselhamento. As Igrejas continuam felizmente a ter um grande impacto na sociedade. Um terço dos inquiridos declarou ainda ter contactos com pessoas e organizações da Igreja.

NÃO ESTAMOS NO FIM: DEUS ABRE O FUTURO

Quais as consequências de todas estas reflexões, caros irmãos e irmãs na fé? Não estamos no fim. Mas uma forma social muito específica de Igreja, que caracterizou os últimos 150 anos, está a chegar ao fim. As fontes da fé continuam a brotar hoje, porque Deus mantém sempre as suas promessas. Acredito firmemente nisso, e é por isso que considero encorajadoras as palavras do profeta Zacarias: "Assim fala o Senhor do universo: virão povos e habitantes das grandes cidades[...] Numerosos povos e nações, de todas as línguas, virão procurar o Senhor do Universo em Jerusalém, dizendo:

“ Nós iremos contigo, porque soubemos que Deus está convosco” (cf. Zc 8,20-23). Deus caminha connosco, é esta a experiência fundamental que faz parte da identidade da nossa fé; Ele caminha ao nosso lado no Rabi de Nazaré, Jesus Cristo, o Filho de Deus - é isto que os cristãos confessam. E isto motiva as pessoas a partirem e a fazerem caminhada , porque, como diz o teólogo Fulbert Steffensky (*1933), " é como se as pessoas que entram numa nova relação com o Mistério não suportassem mais o antigo e passado; [...] indo procurar a sua felicidade e salvação noutros lugares. A falta de tranquilidade no lugar tradicional, a insatisfação com os lugares convencionais, o abandono das casas antigas, a partida, a procura de algo de novo, é um movimento fundamental da fé. O que é que as nossas igrejas estabelecidas fazem com essa realidade? Que têm elas para oferecer?"

PARTIR E DESPERTAR A CURIOSIDADE

Há uma grande tentação de nos recolhermos apenas nas actividades internas da Igreja, quando o mundo parece não estar mais interessado em de nós. Mas retirarmo-nos nunca foi o melhor caminho a seguir. Pelo contrário, estou convencido de que não devemos preocupar com o que será de nós. Devemos viver sim, desinteressadamente a fé - pessoalmente e em formas comunitárias; e devemos oferecer a fé aos outros em todas as suas dimensões, tanto quanto pudermos. Façamo-lo desinteressadamente e falemos das razões por que o fazemos, mostremos aos outros o que é importante para nós e o que nos move interiormente.

Talvez, nas últimas décadas tenhamos dado demasiado por adquirido que as pessoas sabiam o que é a Igreja e o que são os conteúdos a fé. Hoje, pelo contrário já não devemos tomar isso por garantido e temos que ir ao encontro das pessoas em todas as nossas actividades eclesiais e tocá-las nas suas vidas pessoais de tal forma que elas comecem a colocar questões. Para mim, este é um impulso importante. E como é que isso deve acontecer? Estou a abster-me deliberadamente de apresentar soluções ou estratégias, porque dificilmente terão qualquer efeito vindos "de fora" ou "de cima". É eficaz se o experimentarmos juntos nos lugares onde vivemos a nossa fé: nas igrejas locais, nas paróquias, nos centros e nas instituições com serviços religiosos. Talvez fosse um bom ponto de partida, para os novos conselhos paroquiais, seja chegarem a uma análise e avaliação sóbria e honesta sobre as realidades da paróquia e, com base nos resultados do inquérito aos membros da Igreja, formularem em comum, onde querem estabelecer as suas prioridades para o futuro. Há já algum tempo que reparei num cartaz publicitário da Associação dos Centros Católicos de Educação Social que pergunta em letras grandes: " És tu a mudança de que a nossa sociedade precisa? E eu penso para comigo: Sim, quero ser eu o primeiro a viver a mudança que a nossa Igreja precisa. E preferia fazê-lo em comum com muitos outros.

Limburg, no primeiro Domingo da Quaresma de 2024

O Vosso Bispo Georg

PERGUNTAS PARA PENSAR O FUTURO - PERGUNTAS PARA REPENSAR:

FAZER UM BALANÇO:

- ▶ É possível fazê-lo na fé? Como?
- ▶ Como é que eu avalio a situação actual da Igreja?
- ▶ Que contributo e empenhamento tenho?

SOU HONESTO:

- ▶ Que questões tenho e me preocupam?
- ▶ Que mudanças sinto que estão a acontecer na Igreja?
- ▶ Quais os espaços onde converso com outras pessoas sobre isso?
- ▶ Com quem falo e me abro sobre o que penso sobre a Igreja?



Estudo bíblico da palavra pastoral

A REALIDADE É AMIGÁVEL:

- ▶ Onde é que eu experimento isso?
- ▶ O que é que me ajuda a ver essa realidade amigável?
- ▶ Onde é que eu vejo os traços de Deus presentes no mundo de hoje?

ESTAR COM AS PESSOAS:

- ▶ Onde é que encontro pessoas necessitadas?
- ▶ Por quem tomo partido e me empenho?
- ▶ Como é que ajudo os outros?
- ▶ Como é que falo sobre a minha fé?
- ▶ O que significa para mim seguir Jesus?

EU DOU PASSOS EM FRENTE:

- ▶ Que proximidade procuro ter com as outras pessoas?
- ▶ Que testemunho de fé tenho procurado dar?
- ▶ Como é que eu preparo o futuro?
- ▶ Como é que as coisas podem melhorar?

